



## CORPO DE DELITO

# Se Manuel António Pina

Já ninguém responde quando chamo – será isso que sucede com aquele homem ou será isso que tememos? Será isso a velhice? Será isso a solidão?



Rui Patrício

Era Verão. O homem estava sozinho e era velho. Levantou-se com dificuldade e, depois, ficou ali, de pé, mas pouco firme; de um lado tinha uma parede branca, do outro um banco vazio. Fiquei a olhar para ele, para a parede e para o banco durante um momento, mas a imagem tomou-me conta do dia. Se Manuel António Pina cá estivesse e se tivesse visto, talvez repetisse os versos de "Numa estação de Metro": "Pois tudo era memória, acontecia / há muitos anos, e quem se lembrava / era também memória que passava, / um rosto que entre os outros rostos se perdia." Mas o poeta já cá não está, estão apenas as palavras, e foram elas que deram forma ao que vi e, ainda mais, ao que antevi, balançando entre o estupor e o temor.

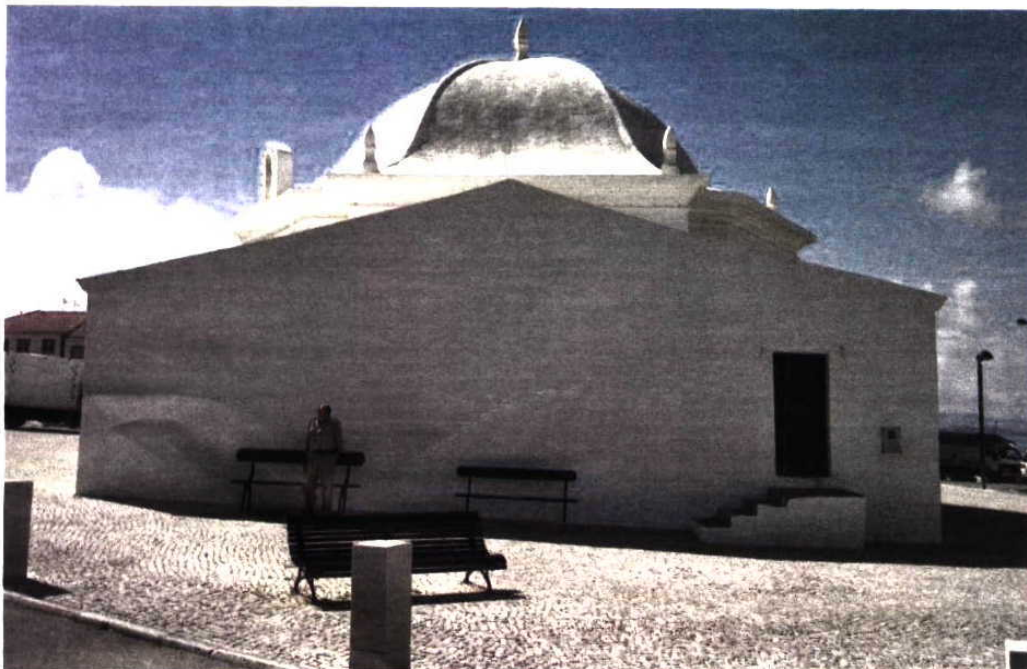
Atrás, abria-se o mar, e para lá da som-

bra da parede branca havia luz, mas ele manteve-se de costas para o mar e aquém da luz, quieto sob a sombra que a parede projectava. De costas para o tempo que passou, de frente para o tempo que lhe resta, talvez semicerrando os olhos para ver melhor ou talvez abrindo-os para que a claridade o cegasse e o impedisse de ver. Se Manuel António Pina cá estivesse, talvez também tivesse repetido outros versos do mesmo poema, com argúcia, doçura e tristeza: "Agora, vista daqui, da recordação, / a minha vida é uma multidão / onde, não sei quem, em vão procuro / o meu rosto, pétala dum ramo húmido, escuro." Mas o poeta já cá não está, estão apenas as palavras, que servem bem para aquele velho – aquele velho só, entalado entre a parede nua e o banco despido – ou para o que eu vejo e antevejo no momento em que fico a vê-lo e no que depois levo comigo dessa visão. Também com a companhia de outro poema, do mesmo autor, "Gótico americano": "Uma recordação chega / para fender os alicerces, / a dúvida rasga as cortinas / por onde se coa o sangue dos dias felizes. // As filhas passadas já não correm no jardim, / já ninguém responde quando cha-

mo / pelos seus vagos nomes que chamo / como se chamassem eles por mim."

Já ninguém responde quando chamo – será isso que sucede com aquele homem ou será isso que tememos ao vê-lo assim? Ou ambas as coisas? Será isso a velhice? Será isso a solidão? Se Manuel António Pina cá estivesse, ele saberia, e saberia, certamente, escrevê-lo, como se as palavras dessem outra vida à parede e ao banco e tornassem a sombra aconchego e não receio, e o mar presença e não ausência, embora ali tão perto. Saberá ou não, não sei; não sei se as palavras não seriam apenas outra forma de tristeza ou, apenas, um modo de suportar o saldo entre o que passou e o que resta.

E se Manuel António Pina cá estivesse, quando chegasse a minha vez de estar entre a parede branca e o banco vazio, eu esperaria, e queria, que ele não repetisse a abertura de "Numa estação de Metro": "A minha juventude passou e eu não estava lá. / Pensava em outra coisa, olhava noutra direcção. / Os melhores anos da minha vida perdidos por distração!" Talvez, não sei. E também não sei se quero sequer saber. *Advogado. Escreve ao sábado*



Era Verão. O homem estava sozinho e era velho